

Bebês, ainda no ventre, que sofreram com falta de nutrientes e energia na alimentação, têm mais risco de desenvolver diabetes tipo 2, quando adultos. É o que diz estudo com pessoas que nasceram em um período de escassez de comida

Fome na gravidez é risco para diabetes

» ISABELLA ALMEIDA

Em uma colaboração internacional, pesquisadores de diferentes instituições utilizaram o cenário da fome durante o Holodomor ucraniano, entre 1932 e 1933, para examinar a relação entre a fome pré-natal e o diabetes mellitus tipo 2 (DM2) em adultos. O estudo analisou 128.225 casos DM2 diagnosticados de 2000 a 2008 em mais de 10 milhões de homens e mulheres ucranianos nascidos entre 1930 e 1938. Os resultados do estudo, publicados na revista *Science*, indicam que indivíduos expostos à fome no início da gestação têm mais do que o dobro de chances de desenvolver diabetes tipo 2 mais tarde na vida.

Segundo o líder da pesquisa, LH Lumey, professor de epidemiologia na Universidade Columbia Public Health, nos Estados Unidos, a concentração da fome em um período de seis meses no início de 1933 permitiu identificar claramente o momento da exposição e suas variações de intensidade entre diferentes províncias do país.

O Holodomor, uma fome induzida por práticas políticas, resultou em 4 milhões de mortes em um curto período. A expectativa de vida ao nascer, em 1933, era drasticamente baixa: apenas 7,2 anos para mulheres e 4,3, para homens. A situação, provocada pelo confisco de alimentos e restrições de viagens, deixou milhares de famílias rurais ucranianas sem comida, culminando em uma mortalidade diária de 28 mil pessoas no auge da crise.

A pesquisa destacou a necessidade de políticas de saúde pública que considerem os efeitos de longo prazo de problemas que acontecem ainda na vida intrauterina. Embora fatores de risco, como obesidade, também estivessem presentes entre os diagnosticados com DM2, a exposição à fome antes do nascimento se destacou como fator dominante.

Paula Fábrega, endocrinologista do hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, detalha que situações que provocam

freepik



Gestantes, que têm diagnóstico de desnutrição, devem ter um acompanhamento rigoroso para evitar uma série de doenças associadas para o filho

desnutrição ou privação calórica no feto criam um ambiente de resistência à insulina intrauterino. “Essa resistência é uma estratégia de sobrevivência do organismo. No entanto, na vida adulta, essa condição aumenta a probabilidade de a pessoa desenvolver diabetes tipo 2, especialmente quando associada a uma alimentação hipercalórica, sedentarismo e sobrepeso.”

Segundo a especialista, entidades médicas advertem para os riscos da desnutrição materna e na primeira infância, tanto em termos de mortalidade, quanto no aumento de doenças associadas. “A gestante deve ser bem acompanhada no pré-natal, incluída em programas sociais que visem garantir uma boa alimentação durante a gravidez. A identificação de mães em risco de desnutrição é fundamental para

prevenir doenças no futuro. A interação entre entidades médicas, gestores públicos e a comunidade deve ser fortalecida, sendo essa uma das bases do Sistema Único de Saúde (SUS).”

Para os pesquisadores, é necessário compreender melhor os efeitos duradouros das adversidades no início da vida para motivar a criação de uma abordagem proativa na formulação de políticas de saúde pública.

“Essa conscientização deve estimular uma abordagem proativa entre formuladores de políticas e autoridades de saúde pública para antecipar as crescentes necessidades de assistência médica entre populações afetadas por desastres nacionais. Ela também destaca a importância de aumentar a conscientização sobre os potenciais efeitos de longo prazo na saúde

das adversidades no início da vida”, destacou, em nota, Lumey.

Márcio Krakauer, endocrinologista da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia Regional de São Paulo (SBEM-SP) destaca que as descobertas do estudo podem influenciar de várias formas a prática clínica. “Como uma abordagem mais personalizada, entender a história pré-natal dos pacientes pode permitir um tratamento mais individualizado e que melhora a gama de estratégias para intervir na sensibilidade à insulina. Prevenção e diagnóstico precoce são muito importantes.”

“Devemos ficar de olho em pacientes com histórico de desnutrição pré-natal porque elas têm risco de desenvolver uma nova gestação e as intervenções nutricionais que podem e devem ser feitas são muito importantes”, reforçou Krakauer.

Palavra de especialista



Problema estrutural

“Mais uma vez, estudos populacionais mostram que países em desenvolvimento são os mais afetados pela obesidade e diabetes tipo 2. Há questões culturais, sem dúvida nenhuma, mas tem essa questão biológica de que o acesso inadequado à alimentação é um fator de risco reconhecido. Não apenas a fome, mas também a alimentação inadequada são grandes fatores para problemas de saúde. Sabemos que a alimentação com custo mais barato é repleta de ultraprocessados e isso torna as pessoas mais vulneráveis a diabetes e obesidade. Entendemos cada vez mais a importância do planejamento familiar em todos os níveis socioeconômicos, mas especialmente para mulheres em vulnerabilidade, que não têm acesso a informações adequadas de saúde pública e uma alimentação adequada.”

Lenita Zajdenverg,
endocrinologista, membro da Sociedade Brasileira e Endocrinologia (SBEM) e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Celso Pupo / Fotoarena



Adoçante artificial é um forte adversário do bom funcionamento do coração

Risco cardiovascular

Uma nova pesquisa da Cleveland Clinic, nos Estados Unidos, revela que o eritritol, um adoçante artificial muito utilizado em panificação, bebidas, gomas de mascar e doces, pode aumentar o risco de eventos cardiovasculares, como ataques cardíacos e derrames. O estudo, publicado na revista *Arteriosclerosis, Thrombosis and Vascular Biology*, mostra que o eritritol torna as plaquetas mais ativas, elevando potencialmente o risco de formação de coágulos sanguíneos. O açúcar comum, glicose, não apresentou esse efeito.

O estudo é parte de uma investigação mais ampla sobre os efeitos dos substitutos do açúcar. Em 20 voluntários saudáveis, os pesquisadores descobriram que o nível médio de eritritol

após a alimentação aumentou mais de mil vezes no grupo que consumiu a substância, em comparação aos seus níveis iniciais.

Os resultados também revelaram que os participantes tiveram um aumento significativo na formação de coágulos sanguíneos após o consumo do adoçante. Em contraste, o consumo de glicose não resultou em mudanças semelhantes. As descobertas seguem uma pesquisa anterior, que associou altos níveis de eritritol a um aumento do risco de eventos cardíacos graves.

Stanley Hazen, cientista e principal autor do estudo, enfatizou a necessidade de mais pesquisas sobre a segurança cardiovascular do eritritol. “Essas descobertas ressaltam a importância de mais estudos

clínicos de longo prazo para avaliar a segurança cardiovascular do eritritol e outros substitutos do açúcar”, afirmou, em nota.

“Esta pesquisa levanta algumas preocupações de que uma porção padrão de um alimento ou bebida adoçada com eritritol pode estimular agudamente um efeito direto de formação de coágulos”, disse o coautor do estudo Wilson Tang, em comunicado. O eritritol é atualmente classificado como GRAS ‘geralmente reconhecido como seguro’ pela US Food and Drug Administration e pela European Food Safety Authority, agências reguladoras dos Estados Unidos e da Europa, mas novos dados sugerem que essa avaliação pode precisar ser revisada. Além disso, estudos recentes sobre xilitol, outro adoçante, mostraram efeitos semelhantes na formação de coágulos.

CALOR

Rumo a um novo recorde

O Observatório do Clima da União Europeia emitiu um alerta, ontem, indicando que 2024 tem uma probabilidade crescente de se tornar o ano mais quente já registrado. O observatório Copernicus (C3S) destacou que o mês passado foi o segundo mais quente desde o início dos registros, com uma média global de 16,91°C, apenas 0,04°C abaixo do recorde estabelecido em julho de 2023.

Samantha Burgess, vice-diretora do C3S, comentou sobre o fim de uma sequência de 12 meses com recordes de temperatura, afirmando que “a série de meses recorde acabou, mas por um fio”. Ela ressaltou que, apesar da interrupção

momentânea, o aquecimento global continua, com efeitos devastadores que somente a redução das emissões de gases do efeito estufa pode mitigar esses impactos.

De janeiro a julho de 2024, as temperaturas globais foram 0,70°C superiores à média registrada entre 1991 e 2020. Para que 2024 não se torne o ano mais quente da história, essa anomalia precisa diminuir significativamente nos próximos meses, o que torna cada vez mais provável que o recorde de 2023 seja superado.

O mês de julho de 2024 registrou temperaturas 1,48°C acima da média estimada para o período pré-industrial

(1850-1900). Foram ainda registrados os dois dias mais quentes já documentados, com médias de 17,6°C, em 22 e 23 de julho. A onda de calor afetou a região mediterrânea e causou eventos extremos na China e no Japão. Além disso, problemas climáticos afetaram amplas regiões.

As temperaturas oceânicas também estiveram próximas dos recordes do ano passado, com uma média de 20,88°C na superfície do mar em julho, apenas 0,01°C abaixo do registrado, em 2023. Apesar do fenômeno ‘El Niño’ ter terminado e ‘La Niña’ estar em curso, que geralmente resfria o planeta, os termômetros permanecem elevados.

crédito: Ed Alves/CB/DA.Pres



O ano de 2024 deve ser o ano mais quente desde que começou a verificação